

## **SEMÂNTICA LEXICAL – UMA ENTREVISTA COM RAY JACKENDOFF**

**Ray Jackendoff<sup>1</sup>**

Tufts University

**REVEL – Como o senhor definiria o ramo da Linguística que chamamos de “Semântica Lexical”? Como ele se relaciona com os estudos sobre o léxico e sobre a gramática das línguas naturais?**

**JACKENDOFF** – Uma das primeiras coisas que se descobre quando se estuda semântica lexical é a impossibilidade de definir quase qualquer termo. Sempre há casos de núcleos estereotípicos, mas você geralmente encontra uma variedade de casos periféricos em que pode não conseguir dizer se estão no escopo do termo ou não. No continuum das cores, onde termina o vermelho e começa o laranja? Quantas pessoas tem que ser mortas para que se caracterize um genocídio? Definições do tipo comum não podem capturar esse tipo de julgamento gradiente, que são geralmente frágeis e dependentes de contexto.

O termo *semântica lexical* apresenta esta dificuldade em várias formas. Um problema é a denotação de lexical, “pertencente ao léxico”. O léxico é pensado geralmente como um depósito de palavras, então *semântica lexical* geralmente é visto como significando “pertencente ao significado das palavras”. Entretanto, existem muitas outras coisas significantes que um falante armazena além de palavras, especialmente expressões idiomáticas como *chutar o balde e trocar os pés pelas mãos*, além de expressões fixas ou “pré-fabricadas”, como *lar doce lar*,

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pelo MIT. Webpage: <http://ase.tufts.edu/cogstud/incbios/RayJackendoff/>.

ao raiar do dia e para encurtar a história. Também há que se armazenar formas especiais de sentenças tais quais *que tal XP?*, *longe de mim VP* e é suficiente dizer *que S*. Não muito além desses estão construções sentenciais especiais como o comparativo correlativo (*quanto mais eu leio, menos eu entendo*) e o condicional conjuntivo (*you diz mais uma palavra e eu te chuto pra fora*). Além disso, há construções que partem da sintaxe do VP que tem significados especiais, como *O João saltitou para fora do restaurante* (“o João saiu do restaurante saltitando”), *O ônibus rangeu o caminho todo* (“o ônibus passou rangendo por todo o caminho”), e *Ela leu a tarde toda* (“ela passou a tarde lendo”). Cada um destes fenômenos envolve sutilezas de significado exatamente como aqueles das palavras, portanto, um estudo da assim chamada semântica lexical deve incluí-los.

Também não é o caso de que a semântica lexical tenha que incluir mais fenômenos do que apenas palavras. Estudando a semântica das palavras, imediatamente somos forçados a nos confrontar com a forma como as palavras impõem sua estrutura ao resto da sentença em que ocorrem. O caso clássico são os verbos, cuja estrutura argumental semântica (Agente, Paciente, Objetivo, etc.) tem um maior papel na determinação dos padrões sintáticos nos quais as palavras aparecem. Mas muitos nomes também impõem estrutura. Uma *parte* deve ser uma parte de *algo*, uma *noiva* deve ser uma noiva de *alguém* e uma *venda* envolve *alguém* vendendo *algo* para *outro alguém*. Para entender a semântica lexical dos quantificadores, temos que entender como eles tomam escopo sobre a sentença inteira; o significado das palavras *QU* envolve a semântica das perguntas, *até* e *apenas* estão intimamente ligados com a estrutura informacional (tópico e foco). Em outras palavras, a semântica das palavras não pode ser dissociada da semântica dos sintagmas e das sentenças.

O significado das palavras também tem que ser separado de fenômenos semânticos mais gerais. Considere a questão da polissemia. Em *O ônibus rangeu o caminho todo*, nós queremos dizer que *ranger* é polissêmico entre “emitir um rangido” e “mover-se produzindo rangidos”? Ou no famoso exemplo da garçonete dizendo *O sanduíche de presunto quer um pouco de café*, o *sanduíche de presunto* é polissêmico entre o sanduíche e a pessoa comendo o

sanduíche? Em casos como esse, eu preferiria dizer que *ranger* e *sanduíche* não são polissêmicos; ao invés disso, a interpretação extra vem de um princípio geral de enriquecimento semântico que não faz parte do significado das palavras. Mas só é possível definir uma teoria de enriquecimento semântico no contexto tanto de uma teoria do significado das palavras quanto no de uma de significado sintagmático.

O que eu concludo destes exemplos e em muitos outros como eles é que não há uma linha definida entre estudar o significado das palavras e a forma como o significado das palavras se compõe no significado das sentenças. É necessário manter ambos em mente.

**REVEL – Quais foram os principais avanços para o entendimento da linguagem humana que foram trazidos à tona pelos estudos de Semântica Lexical? E quais são os principais tópicos na agenda de um semanticista estudando propriedades lexicais nos dias de hoje?**

**JACKENDOFF** – Eu não posso falar da agenda dos semanticistas em geral, apenas da minha. Mas eu acho que muitas propriedades dos significados das palavras foram estabelecidas, satisfatoriamente pelo menos para mim. Aqui estão alguns deles.

1. Os significados das palavras são conceitos humanos, não objetos abstratos que existem em algum espaço Platônico, ou como padrões de ocorrência em um corpus de sentenças. Quando nós estudamos os significados das palavras, nós estamos estudando cognição. Assim sendo, tanto quanto possível, nós deveríamos estar procurando evidências psicológicas para a validade de nossos construtos teóricos – não apenas de usuários da língua, mas de bebês e de outros primatas também.

2. Os significados das palavras não podem ser caracterizados como coleções de condições necessárias e suficientes, como os lógicos e filósofos da linguagem tem demandado. Ao invés disso, como eu sugeri na resposta anterior, efeitos

prototípicos e efeitos escorregadios são encontrados em todo lugar, e nosso formalismo deveria reconhecer esse fato.

3. A noção filosófica tradicional de língua se referindo diretamente ao mundo real deve ser abandonada em favor da referência ao mundo como *conceituado pelos usuários da língua*. Nós podemos referir às coisas apenas enquanto podemos conceituá-las. Além do mais, muitas das coisas que percebemos “no mundo”, como números, valores, relações sociais, regras de jogos – e palavras! – estão lá apenas em virtude da conceituação humana.

4. Um dos maiores departamentos do significado é nosso entendimento do mundo físico: objetos, suas partes, suas configurações em respeito uma à outra, seus movimentos e a força que exercem uns sobre os outros. O estudo da riquíssima linguagem que expressa entendimento físico/espacial e das suas variações interlinguísticas se tornou uma pequena ocupação entre os semânticos, especialmente na linguística cognitiva. Como o entendimento espacial chega a nós através da visão e do toque, isso nos leva à importante questão de como nós falamos sobre o que vemos. Conversamente, a riqueza da linguagem espacial nos leva a questões de como nós *vemos* todas as coisas sobre as quais *falamos*: os eixos espaciais dos objetos, suas trajetórias quando se movem, sua forma de se mover, suas forças dinâmicas e os frames de referência nos quais os vemos ou imaginamos. Eu tenho desejado por muitos anos que as pessoas estudando o sistema visual aceitassem o desafio proposto pela riqueza da linguagem espacial; na maior parte elas ainda estão fixadas no simples reconhecimento de objetos.

5. Outro grande departamento de significado são conceitos sociais como teorias da mente, relacionamento, pertencimento a grupo, dominância, reciprocidade, imparcialidade, direitos e obrigações. Enquanto conceitos espaciais estão focados no comportamento de objetos, conceitos sociais são centrados no comportamento de *pessoas*. Muitos conceitos sociais tem análogos em sociedades primatas, mas outros não, e explorar as diferenças nos fornece evidências importantes quanto ao que torna os humanos especiais.

6. Um dos primeiros resultados importantes na semântica lexical, de Jeffrey Gruber, é que muitos campos semânticos são lexical e logicamente “parasíticos” na linguagem espacial, de forma que muitas das mesmas palavras e dos mesmos marcadores gramaticais são usados e muitos dos mesmos padrões inferenciais se aplicam. Por exemplo, *ir para* pode ser usado não apenas para mudança de lugar (*João foi para o Brasil*), mas também para mudança de posse (*o dinheiro do aluguel foi para o proprietário*) e mudança de propriedades (*João foi de feliz para deprimido*). As pessoas na linguística cognitiva e na cognição corporificada tem tomado esses paralelos como evidências de sistemas estendidos de metáfora em cognição. Eu tenho preferido tomar a posição de Gruber: os paralelos são devidos ao sistema abstrato de organização cognitiva que pode ser aplicado para muitos campos semânticos diferentes. Espaço é o mais rico destes domínios e provavelmente o primeiro em termos de desenvolvimento e de evolução. Mas, além disso, cada campo semântico traz suas próprias peculiaridades ao sistema, e por isso eles divergem em outros aspectos.

**REVEL – Na história da Linguística, o Léxico foi frequentemente visto como um lugar para exceções ao invés de regularidades. Como o senhor descreveria a importância do seu próprio trabalho em relação ao Léxico?**

**JACKENDOFF** – Existe esta ideia tradicional de que deveríamos extrair todas as regularidades do léxico na forma de regras. Se você realmente tentar fazer isto rigorosamente, você vai descobrir que não é possível. Por exemplo, as palavras *filmagem* e *falante* são largamente redundante, dado *filmar*, *-gem*, *falar* e *-nte*. Mas o léxico ainda tem que estipular que essas palavras existem, e que outras formas como *\*filmante* e *\*falagem* não. Similarmente, uma expressão fixa como *ao cair da noite* é feita de palavras pré-existentes e tem um significado quase previsível, mas ainda assim é listada no léxico como parte do conhecimento de um falante de português. Ainda não há maneira de listar estas expressões sem mencionar suas partes e suas combinações; ou seja, a redundância não pode ser inteiramente evitada. Mais ainda, pesquisas psicolinguísticas mostraram que

falantes inclusive armazenam algumas palavras completamente redundantes em seus léxico, por exemplo, plurais altamente frequentes, como *olhos*.

Como eu referi na resposta à primeira pergunta, eu cheguei a ver o léxico como compreendendo um continuum de estruturas armazenadas, desde palavras individuais idiossincráticas até esquemas muito gerais que funcionam como regras de gramática. Eu compartilho esta visão com as pessoas do HPSG, da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construção. Nessa visão não há uma distinção definida entre palavras e regras, apenas uma escala de generalidades.

A questão então é qual papel a redundância tem no léxico. Todas essas abordagens (e muitas outras) tratam o léxico como estruturado em uma hierarquia de herança, de forma que *falante* é completamente listado, mas herda (a maior parte de) a estrutura das entradas lexicais de *falar* e do afixo *-nte*. Uma palavra como *semblante* também herda seu afixo de *-nte*, mas não há uma palavra independente *\*semblar* da qual ele possa herdar sua raiz, assim esta palavra “custa” mais. Uma palavra sem estrutura morfológica interna, como *orquestra*, não herda de ninguém, então ela tem que “pagar todo o frete” da sua entrada.

Embora a noção de herança seja intuitivamente clara, não é tão óbvio como esclarecê-la em termos de uma teoria formal de estrutura lexical. Em particular, o que é a noção de “custar”? Eu tentei resolver isso em um artigo em 1975, em termo de “conteúdo informacional independente” do léxico. Mais recentemente, várias pessoas tem proposto lidar com isso em termos de informação teórica, ou propondo uma forma de medir a “entropia” do léxico. Eu estou imaginando que quando nós resolvermos isso, nós saberemos algo importante sobre como a memória funciona no cérebro.

**REVEL – Apenas como um exercício, como o senhor vê o futuro do Gerativismo e da Linguística Cognitiva nos próximo 20 anos, considerando alguns estudos recentes em Linguística Experimental e em Neurociência?**

**JACKENDOFF** – Eu realmente não gosto de prever o futuro de um campo. Eu acho incrível que estejamos vendo crescimento no uso de métodos experimentais da psicologia e da neurociência para explorar a linguagem. Mas me preocupa que assuntos teóricos e empíricos que tem sido enfatizados pela gramática gerativa possam ser perdidos no processo. Uma das noções centrais da gramática gerativa, a ideia de que possa haver algo especial sobre a faculdade da linguagem, tem sido negada por uma forma de associacionismo depois da outra: conexãoismo, aprendizado Baysiano, teoria da gramaticalização, aprendizado baseado no uso e cognição corporificada. Ainda poucos dos praticantes dessas abordagens tentam lidar com qualquer coisa além dos fatos mais elementares da descrição linguística, muito menos com a riqueza de análise que tem sempre sido a força da tradição gerativa. Para dizer a verdade, a tradição gerativa teve seus excessos, e sempre houve muitos frameworks gerativos variantes no mercado. Mas todos eles tem em suas raízes o desejo de dar conta dos fatos linguísticos de grande sofisticação, como estrutura argumental, complementação, orações relativas, elipses, dependências de longa distância, quantificação, anáfora e a relação da sintaxe com a semântica, a morfologia e a fonologia. Eu odiaria ver tudo isto reduzido enquanto as pessoas mudam cada vez mais na direção de paradigmas experimentais que tornam as descrições linguísticas mais difíceis de lidar. Entender a localização e o tempo dos processos linguísticos não nos diz quais *estruturas* linguísticas estão sendo processadas, nem como essas estruturas são codificadas no cérebro. Pelo menos ainda não.

**REVEL – O senhor poderia, por gentileza, sugerir alguma bibliografia relacionada à Semântica Lexical para os nossos leitores?**

**JACKENDOFF** – No meu próprio trabalho:

*A User's Guide to Thought and Meaning* (Oxford, 2012) para uma visão abrangente

*Foundations of Language* (Oxford, 2002), especialmente os capítulos 9-12, que lidam com semântica

*Meaning and the Lexicon* (Oxford, 2010) traz novamente uma quantidade de trabalhos meus em semântica, incluindo dois na relação da linguagem com a percepção espacial, dois com relação a partes de objetos e partes de eventos e muitos com relação à construção com significados especiais.

*Language, Consciousness, Culture* (MIT Press, 2007), capítulos 6-11 sobre a teoria da mente e predicados sociais

Em trabalho de outros (estes são todos mais antigos, como eu tenho trabalhado com o problema já há alguns anos):

Paul Bloom, Mary Peterson, Lynn Nadel, and Merrill Garrett (eds.), *Language and Space* (MIT Press, 1996), uma coleção que é um marco sobre linguagem espacial

Adele Goldberg, *Constructions* (University of Chicago Press, 1995), um dos documentos fundadores da Gramática de Construção

George Lakoff, *Women, Fire, and Dangerous Things* (University of Chicago Press, 1987), uma importante declaração de Linguística Cognitiva, com discussões extensivas sobre a complexidade do significado das palavras

Stephen Levinson, *Space in Language and Cognition* (Cambridge, 2003), enfatizando trabalhos interlinguísticos de linguagem espacial e a sua relação com cognição não-linguística

George Miller & Philip Johnson-Laird, *Language and Perception* (Harvard University Press, 1976), muito profundo e uma das primeiras tentativas de formalizar a semântica lexical em termos cognitivos amigáveis

Eric Margolis & Stephen Laurence (eds.), *Concepts: Core Readings* (MIT Press, 1999), uma grande coleção de artigos baseados em psicologia sobre conceitos e significados de palavras.

Gregory Murphy, *The Big Book of Concepts* (MIT Press, 2002), inclui entre outras coisas uma visão geral de diferentes visões de conceitos e significados de palavras.

Steven Pinker, *The Stuff of Thought* (Viking, 2007), uma divertida e detalhada discussão da relação entre linguagem e pensamento

James Pustejovsky, *The Generative Lexicon* (MIT Press, 1995), apresenta e formaliza aspectos importantes da forma que significados de palavras interagem uns com os outros enquanto se combinam em sintagmas maiores

Leonard Talmy, *Toward a Cognitive Semantics* (MIT Press, 2000), oferece uma discussão extensiva de linguagem espacial, forças dinâmicas e muitos outros tópicos

Anna Wierzbicka, *Semantics: Primes and Universals* (Oxford, 1996), uma abordagem da qual eu discordo amplamente, mas que oferece análises sensíveis de inumeráveis significados de palavras